

Conclusão

A proposta de “reabilitar” de alguma forma a linguagem para a vida e o pensamento humano, tornando-a um “remédio” contra o adoecimento da cultura ocidental, não tem a intenção, apesar das duras críticas descritas ao longo dessa dissertação, de simplesmente renegar a razão e a ciência como algo necessariamente pernicioso ao homem. Antes o contrário, o que Nietzsche procura é revigorar a própria ciência, reconciliando-a com a arte e a sua filosofia trágica, rumo a uma gaia ciência. Que seria a ciência que assume tragicamente a condição de que a todo momento a realidade, a vida, de certa forma resiste ao sujeito e à sua razão, principalmente aos seus tradicionais intentos de se impor sobre o fluxo do acontecer. Pois o mundo de fato nunca se mostra para o homem, sendo necessário continuamente “demonstrá-lo”, criando plasticamente formas e sentidos a partir desse grande enigma que se apresenta diante de nós.

Nesse sentido, as fronteiras entre as questões de o conhecimento ser uma criação humana ou uma aproximação em direção ao mundo se desfazem, ou melhor, se interpenetram, não deixando alternativa ao sujeito do conhecimento ao não ser a dança entre os matizes e nuances entre uma e outra. O que também implica no “dançar” de maneira geral entre os valores humanos. E que por outro lado não quer dizer que cairemos num relativismo absoluto e estéril, no “liberou geral”, onde, se nada é “verdadeiro” e deus está morto, tudo é permitido. A busca pelo conhecimento e por novos valores, transvalorando-os, ainda se faz não só necessária como o objetivo da vida humana enquanto vontade de potência e expansão. Mas a partir de então, se fará com o reconhecimento trágico de que as aproximações e/ou criações que fazemos sobre o mundo são de caráter provisório, posto que serão superadas ao serem colocadas em xeque a cada momento por novas experiências e reflexões. Pois dentro desse cenário, não há mais sentido em se pensar numa oposição entre experiência e pensamento, entre “interior” e “exterior” ao homem.

O conhecimento se renova constantemente pela dúvida permanente a respeito do seu alcance e valor no saber, passando a ter uma natureza plástica, não estática, que acompanha o fluxo do acontecer na mesma medida em que a razão torna-se mais “fina”, mais propícia às nuances, incorporando um operar artístico

diante de cada nova assimilação/criação de novos conhecimentos. Nesse sentido a “irmandade” entre a ciência e a arte se coloca, sendo que para Nietzsche é a arte que deve sempre comandar, estipular os “limites” da ciência, através de seus próprios “deslimites” que trazem ao palco da ciência e da razão a tragédia enigmática da vida. Para o filósofo alemão, o homem, quando inserido em uma cultura dominada pela arte, vive de forma totalmente positiva, alegre, mais próximo à “lei” poética do devir. Sendo que os conceitos, nos quais o homem da ciência se agarra como um salva vidas contra o turbilhão de imagens e armadilhas que a natureza parece lhe reservar a cada instante, não passam de meros brinquedos a serviço da vontade do artista/cientista de criar e de dominar a natureza na forma de júbilo dionisíaco, de arte.

Enquanto que o homem dirigido pelos conceitos e abstrações não faz senão uma defesa contra a infelicidade, sem conseguir sequer a felicidade a partir dessas abstrações, enquanto que ele deseja livrar-se o mais possível dos sofrimentos, o homem intuitivo, ao contrário, colocado no coração de uma cultura, já desfruta, a partir de suas intuições, de um esplendor que se irradia continuamente, de um desabrochar, de uma redenção.¹

¹ Friedrich Nietzsche, “Introdução Teorética Sobre a Verdade e a Mentira num Sentido Extramoral”, in *O livro do Filósofo*, p. 78.